

O Sutiã na Bahia: Um Estudo em Dois Tempos Diferentes

LE SOUTIEN-GORGE A BAHIA: UNE ETUDE A DEUX EPOQUES DIFFÉRENTES

Marcela Moura Torres **PAIM***

Resumo: Este trabalho insere-se na perspectiva de investigação lexical, constituindo uma análise da variação semântico-lexical na área baiana. Assim, serão investigadas as denominações para *sutiã* usadas por baianos com base no primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB-1963), e os registros referentes à Bahia, constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), coletados a partir de 2003, que permitem a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais em momentos diferentes no tempo. Pretendem-se, então, nos *corpora* em questão (i) registrar as denominações para o item semântico-lexical *sutiã*; (ii) analisar os itens documentados; (iii) verificar o tipo de relação que se pode estabelecer entre o léxico baiano na década de 60 e o coletado 40 anos depois no que diz respeito às designações que preenchem o conceito selecionado.

Palavras-Chave: Sutiã. Variantes lexicais. Bahia.

Résumé : Ce travail s'insère dans une perspective de recherche lexical, constituant une analyse de la variation lexico-sémantique dans l'espace baianais. Ainsi, on investiguera les dénominations de *sutiã* (soutien-gorge) utilisées par les baianais selon le premier atlas linguistique régional du Brésil, l'*Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB-1963), et les registres qui se réfèrent à la Bahia, présents dans le corpus du projet Atlas Linguistique du Brésil (Projet ALiB), recueillis à partir de 2003, qui permettent la réalisation d'études comparatives,

* Doutora em Letras pela UFBA (2007). Mestre em Letras pela UFBA (2005). Graduada em Letras pela UFPE (2001). Professora adjunta no Departamento de Letras Vernáculas e na Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Contatos: marcelamtpaim@yahoo.com.br ou mmtpaim@ufba.br

tout en contribuant pour une identification et configuration des variantes linguistiques et lexicales à des moments différents dans le temps. On prétend alors, dans le *corpora* en question (i) registrer les dénominations pour l'élément lexico-sémantique *sutiã*; (ii) analyser les éléments documentés; (iii) vérifier le type de relation qu'on peut établir entre le lexique baianais des années 60 et celui qui a été recueilli 40 ans après quand aux désignations qui remplissent le concept sélectionné.

Mots-Clés: Soutien-gorge. Variantes lexicales. Bahia.

Introdução

O campo lexical de uma língua vem se configurado como objeto de estudo de várias áreas da Linguística pelo fato de constituir uma das vias principais de que dispõem os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes, para expressar o mundo/espaço dito real. Nesse sentido, o nível lexical de uma língua possui papel importante no que se refere à variação e à mudança linguística, podendo-se, dessa forma, encontrar nesse âmbito uma considerável variedade regional e sociocultural da Língua Portuguesa. Afinal, o vocabulário utilizado por indivíduos de uma área geográfica específica denuncia o ambiente físico e social em que esses falantes estão inseridos.

O ramo da Linguística que estuda a língua na perspectiva espacial, na sua modalidade oral, é a Dialetoлогия. Essa ciência trabalha com a documentação de fenômenos linguísticos, mapeamento em cartas linguísticas as quais são reunidas em forma de atlas. Assim, a pesquisa dialetológica registra o falar de uma comunidade, podendo mostrar como os aspectos externos à língua influenciam os falares locais, fornecendo subsídios para a descrição da língua por meio de um atlas linguístico.

Este trabalho, de natureza dialetológica, centra-se na perspectiva de investigação lexical. É, pois, nesse contexto de descrição da realidade linguística baiana, que se examinará a variação semântico-lexical do item *sutiã* usada por baianos com base nos dados do primeiro atlas linguístico regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI; FERREIRA; ISENSEE, 1963), e nos registros referentes à Bahia, constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), coletados a partir de 2003, no que permitem a realização de estudos comparativos, contribuindo para identificação e configuração de variantes linguísticas lexicais em dois momentos diferentes.

Pretende-se, nos *corpora* em questão, registrar as denominações para o item semântico-lexical *sutiã* e verificar o tipo de relação que se pode estabelecer entre o léxico baiano na década de 60 e o coletado 40 anos depois no que diz respeito às denominações que preenchem o conceito selecionado.

1 O Foco Lexical na Dialetoлогия

O léxico possibilita a observação da leitura que uma comunidade faz de seu contexto e a preservação de parte da memória sócio-histórica e linguístico-cultural da comunidade, além de permitir o registro e a documentação da diversidade linguística do português falado no Brasil. A ciência que estuda prioritariamente a variação espacial no âmbito da Linguística denomina-se Dialetoлогия que, segundo Cardoso (2010, p. 15), é definida como “[...] um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.”

Atualmente, a Dialetoлогия trata não apenas das variações regionais, dos dialetos e falares de uma determinada localidade, numa perspectiva monodimensional, mas, também, das variações sociais, nelas incluídas as variações diageracionais, diagenéricas, as variações culturais, delimitadoras de um grupo cultural que imprime à sua linguagem marcas de sua cultura local e regional, bem como as variações estilísticas. Nessa perspectiva pluridimensional, a observação prioritária continua no aspecto espacial, mas agregam-se outros fatores sociais, como gênero, faixa etária, escolaridade, estilo de fala, nas análises dos dados. Sobre essa questão, manifestou-se Lope Blanch (1978), afirmando que “Se a dialetoлогия tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”. (LOPE BLANCH, 1978, p. 42)

Uma das técnicas de se estudar a língua na perspectiva da Dialetoлогия é através dos atlas linguísticos, que são conjuntos de mapas, chamados cartas, onde ficam registradas todas as variações fonéticas, léxico-semânticas e morfossintáticas, ocorridas em cada uma das regiões, sub-regiões e localidades onde essas variações ocorrem.

O estudo dos falares regionais brasileiros tem suscitado o interesse de pesquisadores, de forma sistemática, pelo menos a partir do século XIX quando surgem os primeiros léxicos e glossários regionais a que se seguem trabalhos de cunho monográfico, iniciados com *O Dialeto Caipira* (1920),

abrangendo os diversos níveis da língua, entre os quais o lexical. Tal interesse ganha corpo com trabalhos sobre áreas específicas, marcados, no seu início, pela publicação de três obras que se tornaram referência – *O Dialeto Caipira*, Amaral, em 1920, *O linguajar carioca em 1922*, Nascentes, em 1922, e *A língua do Nordeste*, Marroquim, em 1934 –, e com a publicação de atlas regionais, o primeiro dos quais, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963, marca o início efetivo da Geolinguística brasileira.

A análise dos atlas linguísticos bem como dos estudos geolinguísticos produzidos no Brasil nas últimas décadas denuncia o interesse crescente pelo enfoque do componente semântico-lexical por parte de muitas pesquisas que se dedicam à Geolinguística.

A esse interesse inicial soma-se o esforço bem sucedido dos autores dos atlas linguísticos brasileiros na busca para retratar a variação lexical de cunho diatópico, que resulta na elaboração de cartogramas lexicais na maioria dos trabalhos produzidos no último quartel do século XX. Acrescenta-se a essa produção bastante expressiva um número relativamente grande de estudos geolinguísticos, artigos e capítulos de livro que têm buscado focalizar um dado item lexical, vários itens lexicais ou uma determinada área semântica. O mérito desses trabalhos reside em colocar em foco o componente semântico-lexical, tarefa que um atlas, por visar à descrição da totalidade dos dados coletados, não objetiva fazer.

Nesse contexto, para este trabalho, a proposta é analisar as denominações para *sutiã*, no que concerne à Bahia, no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, e nos registros constantes do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB). Com esta breve referência histórica, é possível perceber que a pesquisa lexical é uma área que já vem sendo estudada e que poderá ser mais explorada a partir da futura publicação dos dados presentes no Atlas Linguístico do Brasil. Assim, a análise pretende investigar os itens documentados para verificar o tipo de relação, de caráter histórico, que se pode estabelecer entre o léxico baiano da década de 60 e o coletado 40 anos depois no que diz respeito às denominações que preenchem o conceito selecionado.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), que tem como autor Nelson Rossi e coautoras Carlota Ferreira e Dinah Isensee, foi o primeiro atlas linguístico produzido em terras brasileiras e foi feito e publicado entre 1960 e 1963. Recobre todo o Estado da Bahia, com uma rede de 50 localidades, que se distribuem pelas diferentes áreas geográficas e culturais. Essa obra se

constitui de dois volumes: o primeiro, compreendendo as cartas, em folhas soltas, e o segundo, encadernado, com a introdução, questionário comentado e elenco das respostas transcritas. O APFB contempla os campos semânticos da agricultura, anatomia e fisiologia humana, culinária e alimentação, geografia e astronomia e possui 209 cartas linguísticas que trazem a transcrição, legendas ou símbolos, em preto e branco e coloridos.

Partindo de exaustiva análise em sondagens preliminares, elaborou-se um Extrato de Questionário com 182 perguntas (apesar de a numeração finalizar em 164, pois algumas dessas perguntas são subdivididas e indexadas com as letras A, B, C e D) e foram entrevistados dois sujeitos por ponto. Apesar de haver procurado inserir, em todas as localidades, informantes dos dois gêneros e de idades diferentes, não conseguiu atingir, de modo sistemático, a distribuição diagenérica.

É importante mencionar que o APFB pôs em evidência traços fonéticos, léxicos e semânticos de importante representatividade.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB) é um empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento, que tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à língua portuguesa, desejo que permeia a atividade dialetal no Brasil, desde começo do século XX e ganha destaque nesse final/comoço de milênio, a partir de iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, com a realização do Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil, em novembro de 1996.

O Projeto ALiB fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar. Assim, o Projeto objetiva mapear o Brasil com base em dados coletados em 250 pontos, representativos de todas as regiões, e recolhidos, *in loco*, a 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos –, pelos dois gêneros e, nas capitais de Estado, em número de 25 (as capitais Palmas, Estado de Tocantins, e Brasília, Distrito Federal, se excluem por questões metodológicas em virtude de serem cidades recém-criadas), por dois níveis de escolaridade – fundamental e universitário –, ficando os demais pontos da rede com apenas informantes do nível fundamental.

Ao se atingir, em começos de 2012, a recolha de dados em 92,8% da rede programada, algumas considerações iniciais já podem ser feitas sobre áreas dialetais brasileiras. Nesse sentido, apresentam-se neste estudo, de forma ilustrativa, resultados que mostram a diversidade de usos.

2 A História do Sutiã

Todas as sociedades humanas de que se tem conhecimento têm algum tipo de vestuário, o qual pode modificar-se a depender do grupo social, do tempo, do espaço, apresentando uma diversidade relacionada à multiplicidade das comunidades humanas existentes. Nesse sentido, como o vestuário em si varia, o vocabulário utilizado para designar o material, o acabamento, as diversas peças e as regras para seu uso também apresentam uma grande variedade.

O sutiã (do francês *soutien*: suporte) é um tipo de roupa íntima usada por mulheres, que serve para a proteção e sustentação das mamas. Segundo a Wikipédia, “há 100 anos Mary Phelps Jacob patenteava o sutiã nos Estados Unidos. O objetivo dessa invenção era acomodar o seio, possibilitando moldá-lo, diminuí-lo, escondê-lo ou exibi-lo”.¹

Ao realizar uma retrospectiva sobre a história do sutiã, é possível lembrar que essa peça do vestuário feminino surgiu devido a um gesto de rebeldia da jovem nova-iorquina Mary Jacobs, a qual se revoltou contra o espartilho apertado e que ficava exposto no vestido de noite que acabara de comprar. No intuito de resolver o seu problema, a jovem, com a ajuda de sua empregada, fez uma espécie de porta-seios, utilizando como material dois lenços, uma fita cor-de-rosa e um cordão. Após confeccionar cópias para as amigas, resolveu comercializar a invenção, porém, como estava mais interessada no sucesso de sua criação nas festas do que nas lojas, acabou por vender a patente para os irmãos Warner Bros que faturaram milhões de dólares com esta peça de roupa.

A partir de 1935, surgiram vários modelos de sutiã: os bojos com enchimento (para aumentar os seios), os de armação (para deixar os seios mais protuberantes), os de bojos mais fundos e perpontos (para deixar os seios mais pontudos e torneados), os de *nylon* (feito com almofadas de ar muito finas para aumentar os seios pequenos).

¹ Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Suti%C3%A3>>.

Nos anos 60, o alvo dos fabricantes eram as jovens consumidoras, as adolescentes. Foram lançados modelos mais simples e delicados. Esse novo conceito influenciou toda a linha de *lingerie* dessa época através das alças elásticas reguláveis, abolindo os colchetes, que eram usados por dentro das roupas para prender os sutiãs. Com a revolução sexual dos anos 60 e 70, as mulheres se permitiram não usar mais os sutiãs, último símbolo de repressão após os apertados espartilhos.

Em 1968, algumas feministas queimaram seus sutiãs em frente ao Senado, em Washington, nos EUA. Nessa época, a moda era seios pequenos, que trouxeram sutiãs naturais, leves e transparentes, dando a impressão de nudez. A última grande mudança no conceito do sutiã foi o *outwear*, usado para fora, na forma de *bodys*, bustiês, corpetes e sutiãs como roupas de sair.

Através do surgimento da *lycra*, das microfibras e outros novos tecidos, como rendas e algodões elásticos, cores e estampas, os sutiãs alcançaram um nível de sofisticação, qualidade e conforto que permitem as mulheres levantar, aumentar, aproximar ou separar os seios apenas usando o sutiã certo.

3 O Caso do Sutiã: do APFB (1963) ao Projeto ALiB (2003)

Com o intuito de refletir sobre as denominações para essa peça do vestuário feminino na região da Bahia, realizou-se o mapeamento dos usos, em localidades baianas, a partir do exame da carta n. 68 do APFB e da resposta à questão 188 – Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios? – que consta do questionário semântico-lexical utilizado no Projeto ALiB.

No APFB, para *sutiã*, existem as seguintes designações nas localidades pesquisadas, a saber: *califom*, *corpinho*, *corpete*, *porta-seio*, *aperta-seio*, *sustenta-seio* e *guarda-seio*.

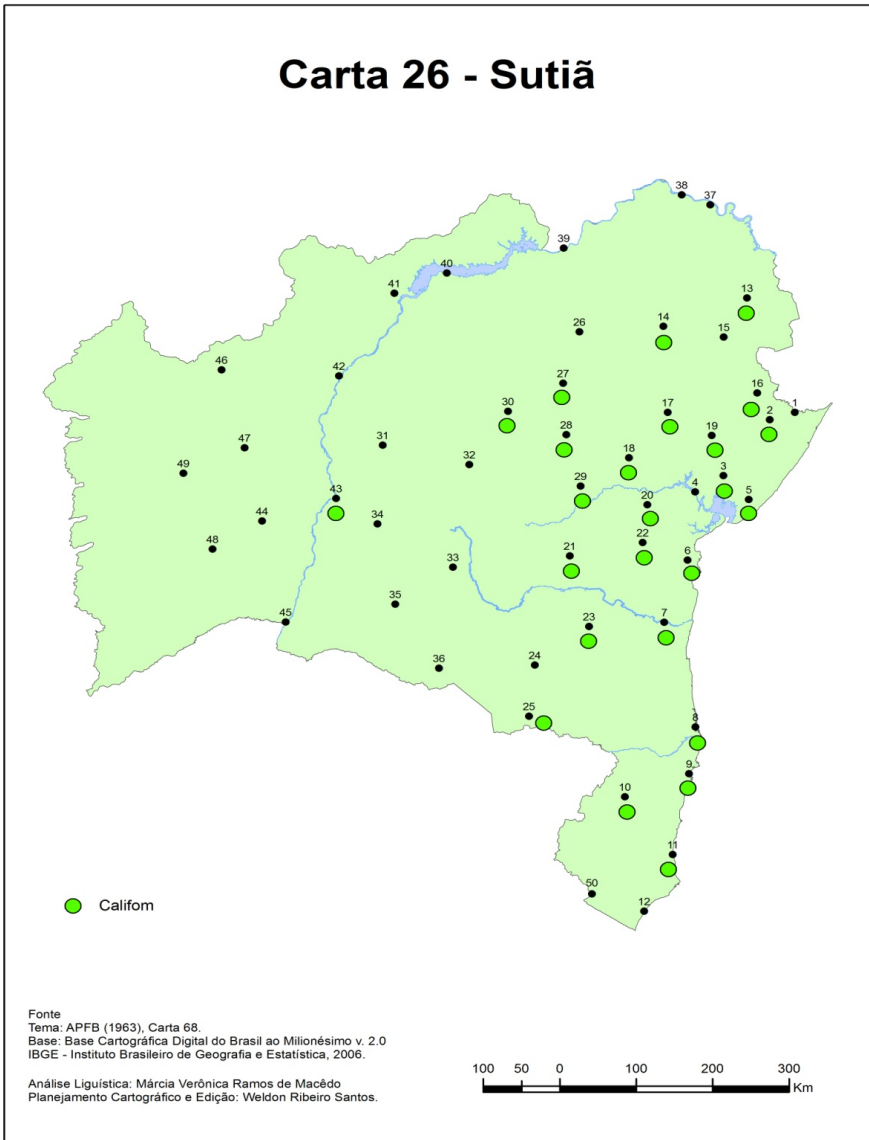
O quadro a seguir apresenta a distribuição diatópica dessas designações.

Quadro 1 – Denominações para *sutiã* no APFB (1963)

VARIANTES	LOCALIDADES
<i>Califom</i>	Aporá, Rio Fundo, Abrantes, Velha Boipeba, Faisqueira, Poxim do Sul, Santa Cruz Cabrália, Buranhém, Prado, Jeremoabo, Monte Santo, Vila Velha, Conceição do Coité, Ipirá, Água Fria, Pedra Branca, Maracás, Jiquiriçá, Boa Nova, Encruzilhada, Jacobina, Mundo Novo, Itaberaba, Morro de Chapéu e Paratinga
<i>Corpinho</i>	Abadia, Aporá, Rio Fundo, Santiago do Iguape, Velha Boipeba, Poxim do Sul, Santa Cruz Cabrália, Buranhém, Prado, Mucuri, Mirandela, Conceição do Coité, Maracás, Boa Nova, Encruzilhada e Condeúba
<i>Corpete</i>	Mucuri, Monte Santo, Mirandela, Vitória da Conquista, Campo Formoso, Jacobina, Caitité, Rodelas e Paratinga
<i>Porta-seio</i>	Abadia, Aporá, Rio Fundo, Conceição do Coité, Pirão Arcado, Carinhanha e Ibiranhém
<i>Aperta-seio</i>	Vila Velha e Brotas de Macaúbas
<i>Sustenta-seio</i>	Jeremoabo
<i>Guarda-seio</i>	Conceição do Coité

O quadro que registrou as denominações para *sutiã* na Bahia da década de 60 revelou que a variante *califom*, naquela época, era a mais produtiva, ocorrendo em metade das localidades do APFB. Tal aspecto pode ser visualizado, como já foi sinalizado por Macêdo (2011), através da seguinte carta linguística.

Carta 26 - Sutiã



Fonte: MACÊDO, 2011

Figura 1 – Carta 26

Em relação à pergunta 188 do questionário semântico-lexical (QSL), além da resposta *sutiã*, foi registrado um total de 3 denominações para essa peça do vestuário feminino, a saber: *califom*, *guarda-peito* e *corpete*, conforme mostra o quadro 2.

Quadro 2 – Denominações para *sutiã* nos dados do Projeto ALiB (2003)

VARIANTES	LOCALIDADES
<i>Califom</i>	Jeremoabo, Irecê, Itaberaba, Santo Amaro, Jequié e Itapetinga
<i>Guarda-peito</i>	Jeremoabo e Euclides da Cunha
<i>Corpete</i>	Euclides da Cunha e Alagoinhas

Diante dos dados expostos, chegamos ao seguinte questionamento: após 40 anos, no que se refere às denominações para *sutiã*, o que o confronto dos dados do APFB e do Projeto ALiB (região Bahia) nos revelam? Na Bahia, os dados exibem a presença de *califom*, em 25 dos 50 pontos que integram a rede do APFB e em 6 das 22 localidades que integram a região da Bahia do Projeto ALiB. O item *califom* está presente nas localidades de Jeremoabo e Itaberaba na década de 60, no momento da recolha de dados para o APFB, permanecendo como variante para *sutiã* 40 anos depois, quando houve a coleta para o *corpus* do Projeto ALiB.

Do ponto de vista etimológico, o referido item consta no Houaiss como um regionalismo do Nordeste do Brasil que veio do francês (à) *califourchon*.

Ao confrontar esses dois *corpora*, verifica-se que também existe a ocorrência das expressões *guarda-seio*, em Conceição do Coité, no APFB, e *guarda-peito*, em Jeremoabo e Euclides da Cunha, no *corpus* do Projeto ALiB, e da variante *corpete*, em Mucuri, Monte Santo, Mirandela, Vitória da Conquista, Campo Formoso, Jacobina, Caitité, Rodelas e Paratinga, no APFB, e em Euclides da Cunha e Alagoinhas, na rede de pontos do Projeto ALiB.

Quadro 3 – Denominações para *sutiã* nos dados do APFB (1963) e Projeto ALiB (2003)

Denominações para <i>sutiã</i>	
APFB (1963)	Projeto ALiB (2003)
<p><i>Califom</i> Aporá, Rio Fundo, Abrantes, Velha Boipeba, Faisqueira, Poxim do Sul, Santa Cruz Cabralia, Buranhém, Prado, Jeremoabo, Monte Santo, Vila Velha, Conceição do Coité, Ipirá, Água Fria, Pedra Branca, Maracás, Jiquiriçá, Boa Nova, Encruzilhada, Jacobina, Mundo Novo, Itaberaba, Morro de Chapéu e Paratinga</p>	<p><i>Califom</i> Jeremoabo, Irecê, Itaberaba, Santo Amaro, Jequiê e Itapetinga</p>
<p><i>Corpete</i> Mucuri, Monte Santo, Mirandela, Vitória da Conquista, Campo Formoso, Jacobina, Caitité, Rodelas e Paratinga</p>	<p><i>Corpete</i> Euclides da Cunha e Alagoinhas</p>
<p><i>Guarda-seio</i> Conceição do Coité</p>	<p><i>Guarda-peito</i> Jeremoabo e Euclides da Cunha</p>

É importante mencionar nos dados coletados 40 anos depois, para o Projeto ALiB, que a referência às denominações presentes no APFB são feitas com uma alusão temporal que denuncia a variação diageracional na língua, como pode ser observado nos exemplos:

Exemplo1:

INQ. Como se chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

INF. . *Sutiã*

INQ. Antigamente tinha outros nomes...

INF. *Califom*

(Itaberaba, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Exemplo 2:

INQ. Como chama aquela peça do vestuário que serve para segurar os seios?

INF. *utiã*, chama de *sutiã*, mamãe chamava de *califom*, chamava de *guarda-peito*.

INQ. Mais antigamente, né?

INF. Era. Mas agora eu sei que é *sutiã*.

(Jeremoabo, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Exemplo 3:

INQ. Como chama a peça do vestuário que serve para segurar os seios?

INF. *Califom*, antigamente...

INQ. Aonde? Aqui?

INF. Na época... Não, Na época dos... dos avós, dos bisavós da gente, era *Califom*, hoje é *Sutiã*.

(Irecê, Homem, Faixa 2, Nível Fundamental)

Exemplo 4:

INQ. Agora, como é que chama essa peça do vestuário que serve pra segurar os seios?

INF. *Sutiã*.

INQ. Chama de outra maneira?

INF. O povo chamava *califom*.

INQ. O povo antigo, né? Hoje não chama mais.

INF. Mas às vezes tem muita pessoa bem antigo que chama *califom*.

(Itaberaba, Mulher, Faixa 2, Nível Fundamental)

Os trechos dos inquéritos sugerem que a identidade social de faixa etária constrói-se pela revelação de que no passado o informante reconhece um item lexical diferente, caracterizado por *califom*, como mostra o exemplo 1, vinculado a uma fase anterior de sua vida. Através desse exemplo, pode ser percebido que o informante da faixa etária mais avançada lembra e dá expressão às suas lembranças. O depoimento aponta para o entendimento de que a vida mudou e junto com ela também o item lexical para se referir à peça do vestuário que serve para segurar os seios.

Nos exemplos 2, 3 e 4, por sua vez, os informantes denunciam reconhecer que a seleção lexical para a peça que serve para segurar o seio é diferente conforme a faixa etária, pois citam pessoas de faixas etárias mais avançadas – mãe, avós, bisavós – como usuárias de maneiras diferentes de se referir a esta peça do vestuário feminino, configurando o uso do *sutiã* na atualidade e *califom* e *guarda-peito* como as variantes de antigamente.

Considerações Finais

Nesse sentido, no que diz respeito às denominações que recebe o item em questão, podem-se fazer algumas considerações preliminares:

a) existem variantes lexicais comuns no APFB (1963) e no *corpus* do Projeto ALiB (2003).

b) a designação mais representativa para sutiã – *califom* – está presente nos dois *corpora*.

c) a variante lexical *califom* está presente nas localidades de Jeremoabo e Itaberaba nos dados do APFB (1963) e no *corpus* do Projeto ALiB (2003).

d) a maior variedade de usos está presente no APFB com as variantes lexicais *califom* (em 25 pontos), *corpinho* (em 16 pontos), *corpete* (em 9 pontos), *porta-seio* (em 7 pontos), *aperta-seio* (em 2 pontos), *sustenta-seio* e *guarda-seio* (cada uma em 1 ponto) e apenas 3 variantes, com os itens *califom* (em 6 pontos), *guarda-peito* (em 2 pontos) e *corpete* (em 2 pontos) registrados no *corpus* do Projeto ALiB, na região da Bahia.

Embora não se tenha elementos para discutir a evolução da peça entre os dois momentos analisados – década de 1960, quando se realizaram os inquéritos para o APFB e início do século XXI, por ocasião dos inquéritos para o ALiB –, sabe-se que a própria peça se modificou e os falantes passaram a adquirir nas lojas os novos modelos, já agora denominados *sutiã*, o que, certamente, explica a menor frequência, nos dados atuais, das denominações *califom*, *guarda-peito* e *corpete*.

Dessa forma, por agora, mostrou-se uma identidade entre os dados do APFB e os registrados no Projeto ALiB, mesmo diante dos 40 anos que separam as duas coletas. Espera-se, a partir do término da constituição do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil, pesquisar o item semântico-lexical *sutiã* nas demais áreas brasileiras no intuito de aprofundar as questões relacionadas à variação temporal no português brasileiro.

Assim, o trabalho procurou mostrar como as lexias oferecem subsídios para o registro da diversidade da língua portuguesa, na Bahia. Não obstante a necessidade de se fazerem outras investigações com vistas ao aprofundamento e, eventualmente, ao redirecionamento de elementos do referencial teórico-metodológico, já é possível observar que a presente abordagem pode trazer um aporte significativo para o estudo do componente semântico-lexical na Dialectologia.

Referências

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. (Orgs.). *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978. p. 35-49.

MACÊDO, Márcia Verônica Ramos de. *A constituição de subáreas dialetais na Bahia e suas implicações sócio-históricas*. 2012. 404p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2012.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

SUTIÃ. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Suti%C3%A3>>. Acesso em: 23 mar. 2012.